Dia 1 — O Patrocínio de São José

Nos primeiros séculos da Igreja, ainda que, por instituição dos sagrados apóstolos e dos prelados que lhes sucederam, se celebrasse a memória da Virgem Maria e a dos mártires que derramaram seu sangue pela confissão de Jesus Cristo, não encontramos que se tributasse veneração alguma, nas liturgias, ao glorioso São José. Sem dúvida as mesmas causas que moveram nosso Deus a levar deste mundo o santo patriarca antes que Jesus Cristo manifestasse ao mundo sua doutrina e operasse nossa salvação na terra, moveram-no também a que seu pai putativo ficasse sem o culto dos fiéis por alguns centenares de anos. A causa da divindade de Jesus Cristo, que tantos hereges impugnaram, e a da virgindade perpétua de sua sacratíssima Mãe, pediam talvez que não se expusesse então aos olhos dos fiéis, ainda rudes e tenros na fé, a festividade de um justo com o nome de esposo da Virgem e de pai de Jesus. Fortalecidos os cristãos na doutrina do Evangelho e bem instruídos em seus dogmas, proveu-os a Igreja de todos os auxílios que a Religião lhes podia ministrar em seus trabalhos, e indicou-lhes as fontes onde podiam beber dulcíssimos consolos em suas tribulações. Ensinou-lhes que os bem-aventurados são no céu poderosos intercessores junto ao Pai das misericórdias, por cujos méritos e influxo lhes concede liberalíssimamente o tesouro de suas graças.

Ainda que o nome de São José se ache em algumas liturgias gregas e latinas de tempos muito remotos, é certo que sua festividade não foi ordenada na Igreja latina até que o papa Gregório XV o mandou, conformando-se sem dúvida ao espírito da mesma Igreja, que já celebrava este grande santo desde tempo imemorial, como se deduz do breviário moçárabe, do de Milão e de muitos outros. E é digno de notar-se que o fervor e o cuidado de seu culto se deveram sempre, de modo especial, à sagrada ordem mendicante dos carmelitas, os quais, tanto no Oriente, quando ali florescia a cristandade, como no Ocidente, quando no século XI decaiu notavelmente, conservaram sempre uma particular devoção a São José, celebrando sua festividade com sumo esmero. A experiência fez os fiéis conhecerem quão proveitosa lhes era a intercessão do esposo de Maria; e assim, para desafogar seus corações, clamaram a fim de que seu Patrocínio tivesse uma festividade própria e peculiar. Os intérpretes de seus votos foram os carmelitas descalços da congregação da Espanha, que, seguindo fielmente o espírito de sua santa madre Santa Teresa de Jesus, dirigiram à Sé de São Pedro suas humildes súplicas, para que concedesse celebrar a festa do Patrocínio de São José. Com efeito, no dia 6 de abril do ano de 1682 concedeu benignamente o papa Inocêncio XI que na dominica terceira depois da Páscoa de ressurreição pudessem celebrar esta festividade, dando a todos os cristãos o consolo espiritual de enviar ao céu seus votos, alegrando-se com o poderoso patrocínio de que gozam no santíssimo e virginal esposo da Mãe de Deus e mãe dos pecadores.

Que os santos que reinam com Cristo oferecem a Deus suas orações pelos homens; que é bom e útil invocá-los humildemente e acolher-se a suas súplicas, a seu favor e auxílio, para alcançar benefícios de Deus pelos méritos de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, que é nosso único Redentor e Salvador, é um dogma de fé definido em termos próprios pelo Concílio de Trento [^1] e reconhecido anteriormente em toda a Igreja. Ignoramos o grau de glória e de valimento junto a Deus que tem cada um dos bem-aventurados; mas, conjeturando prudentemente por suas virtudes e dignidade, que nos são notórias, é preciso afirmar que o patrocínio de São José é dos mais poderosos que temos no céu. De dois princípios podemos deduzir esta verdade, que são o poder e a vontade de favorecer-nos, ambos afiançados na grande santidade de nosso santo patriarca e na dignidade de pai putativo do Filho de Deus e de esposo da Rainha dos anjos. Porque que dignidade não contém em si ser esposo de Maria? Se o discípulo amado do Senhor é elogiado sem termo só por ter tido a dita de recebê-la a seu cuidado, qual será a dignidade daquele que foi verdadeiro marido seu; que teve nela legítimo domínio e potestade; que foi seu senhor e cabeça; que a cuidou, a alimentou e a teve em sua companhia até sua ditosa morte? Se o Batista foi santificado no ventre de Santa Isabel logo que Maria a saudou, quanta graça, quantos dons, quanta santificação não causaria em nosso santo a conversação contínua de sua Esposa? Se é imponderável a venturosa dignidade do santo discípulo porque ela o chamou filho, quão grande será a de São José, a quem a Virgem chamaria senhor e esposo! «Ó sumamente admirável sublimidade de José! Ó dignidade incomparável, que a própria Mãe de Deus, Rainha do céu e Senhora do mundo, não se desdenhasse de chamar-te senhor!» Assim exclama o devotíssimo João Gerson. Esta dignidade se percebe ainda com novos brilhos de grandeza e de poder, atendendo a que o próprio Deus, com uma particular providência, o destinou para esposo de Maria, como sentem uniformemente todos os padres. O mesmo Deus disse que a mulher, feita à semelhança do homem, havia de ser uma ajuda para ele; do que se forma esta reflexão, que é muito óbvia: se José foi destinado por uma particular providência para esposo de Maria, devia ser semelhante a ela. Pois quanta dignidade, quanta graça e quanto poder se deve supor neste santo, para dizer com verdade que é semelhante à sua esposa! E se a semelhança é causa de amor, quão amado seria da Senhora quem tanto se lhe parecia nas virtudes e na graça!

«Sabia Maria — diz São Bernardino de Sena — quanta era a unidade matrimonial no amor espiritual; sabia que São José lhe havia sido dado pelo Espírito Santo por esposo seu, por fiel custódio de sua virgindade e para ser participante no amor de caridade e na obsequiosa solicitude da prole divina que havia de nascer de seu seio; e portanto o amava simplicíssimamente, com todo o empenho de seu virginal coração. Mas, sendo do varão ou do marido o que é da mulher, creio que a bem-aventurada Virgem comunicava a seu esposo todo o rico tesouro de seu coração, estendendo-se sua liberalidade até onde chegava a capacidade de nosso santo.» Até aqui são palavras de São Bernardino: delas se pode inferir a dignidade, a grandeza e os esclarecidos merecimentos do bem-aventurado esposo. Porque, se a mulher prudente é um dom de Deus, como se diz nos Provérbios [^2]; se é bem-aventurado o varão fiel que logra uma mulher honesta e virtuosa, como prêmio que lhe concede o Senhor em remuneração de suas boas obras, segundo diz o Eclesiástico, quanta será a ventura, o mérito e a dignidade de quem mereceu a mais prudente, a mais santa de todas as mulheres, de quem mereceu a própria Mãe de Deus! Quanto será seu poder, sua virtude e seu valimento! Meça-o aquele Deus de bondade, que soube e quis dar-lhe tanta graça; que a nós, mortais, só nos é permitido admirá-lo sem chegar a compreendê-lo. O melhor modo de conhecer a dignidade de São José é aquele com que São Gregório Nazianzeno

disse as virtudes do marido de sua irmã Gorgônia: «Quereis saber — diz este santo — quem foi este grande varão? Eu vo-lo direi em poucas palavras: foi um digno marido de Gorgônia.» Da mesma maneira podemos dizer, e com infinitamente mais razão: quereis saber quem é José? É um digno esposo de Maria; e com isto parece que está dito quanto se pode desejar para formar conceito da altura de sua dignidade e da grandeza de seu patrocínio.

Esta consideração cobra nova força atendendo ao título de pai de Cristo, prescindindo da glória e dignidade que lhe possa resultar de que este título de pai lhe convenha propriamente, sem o aditamento de putativo ou reputado. O sábio Cornélio a Lápide prova com muita erudição e solidez que a São José convém propriamente o título de pai de Cristo, e cita em prova de seu modo de pensar muitos teólogos de reputação e o grande padre Santo Agostinho. As razões que para isso propõe, já da família e genealogia de Cristo; já do direito legítimo com que o santo possuía o corpo santíssimo da Virgem, em cujas entranhas encarnou o divino Verbo; já do direito de posse comum ao esposo e à esposa acerca dos bens adquiridos durante o matrimônio; já porque Jesus tinha o direito filial a respeito de São José, pelo qual lhe pertencia o reino de Judá e, por conseguinte, São José também havia de ter o direito paterno: são razões bastante bem fundadas e que nenhum teólogo prudente poderá tachar de frívolas. Mas, sem recorrer a elas, e ficando o título de São José no de pai putativo de Cristo, é suficiente para arguir dele uma dignidade e um poder quase imenso, que tornam admirável seu patrocínio.

Basta, desde logo, para chamá-lo de certo modo pai do Salvador do mundo; e se o título de mãe em Maria argui uma dignidade sobre todos os anjos e serafins, o de pai putativo em José deve supor uma dignidade proporcionada. Por este título estava sujeito Cristo a São José, como diz São Lucas; e assim como no Senhor esta sujeição argui uma humildade infinita, diz Gerson, assim no santo José denota uma dignidade incomparável. Com razão exclama o grande padre Santo Agostinho: «Goza, José santo, goza e compraze-te na virgindade de Maria, pois mereceste tu só possuir, juntamente com as honras e privilégios do matrimônio, a glória de um afeto virginal; pois por amor a esta angélica virtude de tal modo te separaste dos direitos que tinhas sobre tua santíssima Esposa, que em prêmio és chamado pai do Salvador.» Quantos favores podemos pensar que faria Jesus a seu pai putativo! Que dom, que privilégio lhe reservaria! Se ao discípulo amado encheu de graças só por reclinar-se uma vez sobre seu amoroso peito e chamá-lo filho de sua Mãe santíssima, José, que continuamente lhe falava, o tinha em seus braços, o estreitava a seu peito e gozava seus dulcíssimos ósculos, que privilégios, que dons não receberia! Por isso diz João Gerson, no sermão da natividade da Virgem que pregou no concílio de Constança, que se pode crer piedosamente que este santo foi santificado no ventre de sua mãe; e afirma que se contém assim no ofício jerosolimitano deste santo como também haver subido em corpo e alma ao céu juntamente com Jesus Cristo. Com efeito, prossegue este piedoso varão, se o próprio Cristo afirmou que onde ele estivesse ali havia de estar seu servidor e ministro, sem dúvida São José está em corpo e alma no céu, e tanto mais próximo do trono da Majestade quanto foi mais imediato, depois de Maria, no ministério com que o serviu na terra.

De tudo o que foi dito se infere quanto é o poder de São José para favorecer-nos, e se pode formar o seguinte raciocínio: se com justiça tem o pai domínio nos bens do filho, logo se pode dizer que este santo patriarca tem de certo modo a seu arbítrio e em suas mãos toda a potestade de Jesus para favorecer seus devotos; logo tem um poder a cuja extensão não pode pôr limites a

necessidade mais extrema; um poder tão válido que não se lhe pode representar necessidade ou calamidade que não seja inferior à sua beneficência; um poder, enfim, que, junto a uma vontade finíssima com que sempre está pronto a ouvir nossas misérias, forma um patrocínio completo e perfeitíssimo; um patrocínio com tanta confiança, segurança e poderio, que suas súplicas a Jesus e Maria se podem reputar por preceitos de um marido a sua mulher e de um pai a seu filho. Assim o diz seu enamorado devoto João Gerson na admirável obra que compôs sobre São José, intitulada a *Josefina*, obra dulcíssima, poema precioso em verso latino, que dedicou a seu herói, e da qual não temos de ter inveja nós, os espanhóis, tendo em nossa língua outro poema de não inferior mérito, dirigido igualmente a celebrar as glórias de São José, composto pelo sábio mestre Valdivieso, e que anda com tanta aceitação nas mãos dos eruditos e dos verdadeiros devotos.

Não basta que um sujeito possa favorecer-nos e livrar-nos inteiramente de calamidade e de miséria, se sua vontade não se inclina a tão piedosa execução; assim como também não basta querer proteger a alguém e dar-lhe auxílio em suas fadigas, se faltam poder e forças para pôr por obra o que se quer. Portanto, havendo já declarado em alguma parte quão grande é o poder e o valimento do patriarca São José, resta dizer algo da prontidão e fineza de sua vontade, para que assim se possa formar conceito da grandeza de seu patrocínio e com quanta razão a santa madre Igreja o propõe, com festividade especial, aos fiéis seus filhos, para sua consolação e proveito. Muitas razões se poderiam trazer para fazer ver que nosso santo tem uma vontade simples e verdadeira de favorecer seus devotos; mas, sem mais que considerar a piedade do santo patriarca e nossas próprias misérias, acharemos suficiente fundamento para deduzir a que desejamos. Não há dúvida de que, quanto maiores são as aflições de um desditoso, tanto mais movem os corações humanos à compaixão. Nunca experimentou o povo de Deus mais pronta a proteção divina do que quando o cativeiro do Egito chegou ao extremo da opressão; quando se viu perseguido por um rei pérfido e soberbo; quando no deserto chegou a secar-se de sede; quando em Babilônia gemia entre a dureza das cadeias e grilhões; quando em Betúlia estava mais apertado pela sede, pela fome e pela ferocidade dos assírios, e quando por todas as partes o oprimiam as desgraças: então as próprias misérias arrancavam do coração do Todo-Poderoso a misericórdia, ainda que, por outra parte, tivessem suas ingratidões irritada sua justiça.

Ainda que o homem queira fechar os olhos da razão para não conhecer quanto distamos, neste vale de lágrimas, da verdadeira felicidade, hão de fazer-lho perceber e confessar suas próprias paixões e a inquietação perpétua com que vive. Quantas misérias nos afligem! Quantos perigos nos cercam! Quantas penas nos afogam! Para onde voltamos os olhos que não nos surpreenda o temor? Que passo damos em que não nos faça estremecer o precipício? Nossos tratos, nossas ocupações, nossos exercícios, as mesmas pessoas com quem nos comunicamos, são outra coisa que não uma contínua cadeia de tropeços e uma série de desconfianças, de sustos e de perigos? Vemos Saul, que corre risco de perecer estando a dormir, e o mesmo sucede a Davi usando de vigilância; a comida é um perigo para o aborrecido Esaú, e não comendo encontra Jônatas o mesmo perigo; Noé perde o juízo e a razão bebendo, e o não beber leva Ismael à morte; no mar é sepultado Jonas no ventre de uma baleia, e correndo pela terra fica Absalão pendurado de um carvalho e é-lhe traspassado o coração a golpes de lança. Em todas as partes, em todo tempo, em todas as circunstâncias é nossa sorte infeliz; necessitamos de patrocínio e ajuda; e é tal nossa infelicidade que, ainda quando o homem se apartasse do ruído e comércio dos demais homens e habitasse num ermo onde nem feras nem serpentes houvesse que o perseguissem, ali mesmo

teria de guardar-se de suas paixões, e teria consigo todas as lástimas só por ter-se a si mesmo. Sendo, pois, tanta nossa desventura, como é possível que deixe de mover-se a piedade o que é digno esposo da Mãe de misericórdia? Como será possível que não se comovam suas entranhas piedosas, tendo uma alma que é toda piedade e ternura? Como é possível que não seja pronto e seguro o patrocínio de quem nos ama como a filhos e não deseja outra coisa que libertar-nos da opressão e da miséria?

Nem isto quer dizer que a compaixão de nossas desditas seja o único móbil que determine São José a dispensar-nos favores; seu generoso coração move-se também por outros poderosos resortes. O assemelhar-se à sua sacratíssima Esposa; o seguir as pegadas e o exemplo daquele que não se desdenhou de ser reputado por filho seu e colocou no nome de Jesus, ou Salvador, todo o timbre de sua glória; o concorrer de sua parte, como tão interessado nisso, para que logre toda a sua eficácia o sangue que Jesus Cristo derramou por nós, e para que não nos seja estéril sua paixão por nossa fraqueza: são outros tantos motivos que determinam sua vontade em nosso favor e tornam poderoso e eficaz seu patrocínio. Verá sua dulcíssima esposa Maria tão pródiga de piedades e misericórdias que, à semelhança da romã, como se diz nos Cantares, abre seu seio para derramar o fruto de sua proteção, e estará o santo esposo olhando tanta piedade com rosto sereno e com dureza de entranhas? Verá seu santíssimo filho Jesus oferecer-se em vítima pelo homem, tomá-lo, como solícito pastor, sobre seus ombros para livrá-lo da perdição, saltar os montes e os outeiros para socorrê-lo, e não abrirá São José o seio de sua piedade? E terá fechada sua boca o silêncio, para que não pronuncie súplicas por nós? Olhará nossa perdição, verá desperdiçado em nós o sangue precioso daquele filho que alimentou com seu trabalho e cuidou com tanto esmero, e ficará ocioso, sem prevenir, no que lhe seja possível, nossos precipícios, sem socorrer nossas misérias e sem nos manifestar a poderosa virtude de seu patrocínio? É tão ao contrário que, segundo São Bernardo, ele mesmo abre seu peito para que de suas piedades se sirvam e provejam todos largamente.

É difícil esgotar de todo esta matéria e, por outra parte, é ela de si tão clara e está tão apoiada na experiência que, ainda que faltassem razões em seu abono, ou não fossem bastantes as ditas, as próprias obras supririam tudo. Homens, mulheres, anciãos, jovens: quem poderá negar que apenas abriu a boca para implorar o patrocínio de São José, já viu com alegria que lhe enxuga as lágrimas com benefícios? Qualquer que seja verdadeiro devoto do santo e queira repassar sua memória achará que muitas vezes o tirou do aperto, o livrou do apuro, temperou suas misérias, remediou suas desgraças e preveniu sua total ruína. Isto mesmo têm atestado muitos devotos de São José; mas as experiências de Santa Teresa de Jesus e suas recomendações sobre este ponto são de tanto peso que bastará citar esta grande santa e grande mestra de espírito para que fique suficientemente comprovado quanto se disse do poderoso que é o patrocínio de nosso santo patriarca.

No capítulo sexto de sua vida, escrita por ela mesma, depois de haver dito a necessidade em que se achava, prossegue desta maneira e com estas eloquentíssimas palavras: «Tomei por advogado e senhor o glorioso São José e encomendei-me muito a ele; vi claro que, assim desta necessidade como de outras maiores, de honra e perda de alma, este pai e senhor meu me tirou com mais bem do que eu sabia pedir-lhe. Nem me lembro, até agora, de lhe haver suplicado coisa que ele tenha deixado de fazer: é coisa que espanta as grandes mercês que me tem feito Deus por meio deste

bem-aventurado santo, os perigos de que me tem livrado, assim de corpo como de alma. Que a outros santos parece que deu o Senhor graça para socorrer numa necessidade; a este glorioso santo tenho experiência de que socorre em todas, e que quer o Senhor dar-nos a entender que, assim como lhe foi sujeito na terra (que, como tinha nome de pai, sendo aio, lhe podia mandar), assim no céu faz quanto lhe pede... Quisera eu persuadir a todos que fossem devotos deste glorioso santo, pela grande experiência que tenho dos bens que alcança de Deus. Não conheci pessoa que de verdade lhe seja devota e lhe faça particulares serviços que eu não a veja mais aproveitada na virtude; porque aproveita em grande maneira as almas que a ele se encomendam. Parece-me que há alguns anos, cada ano, em seu dia, lhe peço uma coisa, e sempre a vejo cumprida: se vai algo torcida a petição, ele a endireita para maior bem meu... Só peço, por amor de Deus, que o prove quem não me acreditar, e verá pela experiência o grande bem que é encomendar-se a este glorioso patriarca e ter-lhe devoção. Em especial, pessoas de oração sempre lhe haviam de ser afeiçoadas... Quem não achar mestre que lhe ensine oração, tome este glorioso santo por mestre e não errará no caminho.»

Todas as sábias, altíssimas e eloquentes obras desta grande santa estão recomendando a mesma devoção com palavras semelhantes às que ficam referidas, que não podem ser nem mais sólidas, nem mais simples, nem mais vivas e afetuosas para recomendar o patrocínio de São José. A mesma santa refere em diversos lugares de suas obras os particulares benefícios que conseguiu de Deus pela mediação deste grande santo; mas, entre todos, merece uma particularíssima atenção o que refere numa carta que escreveu a um irmão seu desde o cárcere de Toledo, onde se achava presa por ordem do Núncio, que a julgava uma mulher feiticeira, bruxa, enganadora e andarilha, como a própria santa o explica. Ali experimentou toda a fineza com que este santo patriarca socorre seus afeiçoados e devotos; ali, entre os horrores do cárcere, viu a santa que se rompiam os céus e que descia São José, cercado de resplendores e de glória, a consolá-la e a dar-lhe conta do dia em que haviam de ter fim seus trabalhos e começariam suas prosperidades, como efetivamente se cumpriu; e, em agradecimento a tamanho benefício, dedicou a santa o convento de monjas carmelitas de Toledo ao glorioso patriarca São José. De tudo se infere que, quer se atenda às razões, quer se consulte a autoridade, quer se queiram examinar os exemplos e a experiência, sempre resulta, para consolo dos cristãos, que São José é seu protetor, seu amparo, sua sombra e seu refúgio; que seu patrocínio não somente é seguro, mas também poderosíssimo; que a representação de nossas misérias, sua piedade e ternura, o exemplo de sua misericordiosíssima Esposa e de seu Filho, os interesses do sangue do Unigênito de Deus vertido por nós e, por último, a experiência testificada pelos santos, tudo está acreditando uma vontade finíssima, um patrocínio seguro, tão cheio de firmeza como alheio a todo receio. Demos, pois, infinitas graças a Deus, que quis preparar-nos em seu pai putativo um protetor em nossas misérias e trabalhos. Demos graças a nossa mãe a Igreja, que, solícita e amorosa, nos propõe esta festividade para que dela tiremos copiosos frutos, não somente para o corpo, mas também para o espírito. E, por último, procuremos aproveitar-nos das larguezas com que o céu manifesta sua misericórdia e beneficência para conosco, bem seguros de que, se não recebermos em vão a graça de Deus, como nos admoesta o apóstolo São Paulo, serão tão ópimos e copiosos os frutos que tiraremos do patrocínio de São José que nem as ciladas do inimigo comum poderão enredar-nos em seus laços, nem os passatempos e falsidades do mundo afeiçoarão nossos corações, nem o fogo da concupiscência enegrecerá com seu fumo pestífero nossas almas, nem nos abaterão os trabalhos,

misérias e desventuras, nem as prosperidades e a fortuna encherão nossos peitos de vaidade e de soberba; em uma palavra, seremos, com o patrocínio de São José, verdadeiramente venturosos, verdadeiramente felizes e verdadeiramente cristãos.

Missa (oração)

A missa é do Patrocínio de São José, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui ineffabili providentia beatum Joseph sanctissimæ Genitricis tuæ sponsum eligere dignatus es; præsta, quæsumus, ut quem protectorem veneramur in terris, intercessorem habere mereamur in cœlis: Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, que por uma providência inefável vos dignastes eleger o bem-aventurado José por esposo de vossa santíssima Mãe, concedei-nos que, já que na terra o veneramos por nosso protetor, mereçamos que interceda por nós nos céus. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 49 do Gênesis.

Gênesis 49,22-26

> **Latim:** [22] Filius accrescens Joseph, filius accrescens et decorus aspectu : filiæ discurrerunt super murum. [23] Sed exasperaverunt eum et jurgati sunt, invideruntque illi habentes jacula. [24] Sedit in forti arcus ejus, et dissoluta sunt vincula brachiorum et manuum illius per manus potentis Jacob : inde pastor egressus est, lapis Israël. [25] Deus patris tui erit adjutor tuus, et omnipotens benedicet tibi benedictionibus cæli desuper, benedictionibus abyssi jacentis deorsum, benedictionibus uberum et vulvæ. [26] Benedictiones patris tui confortatæ sunt benedictionibus patrum ejus, donec veniret desiderium collium æternorum : fiant in capite Joseph, et in vertice Nazaræi inter fratres suos.

Português: [22] José, filho que cresce, filho que se aumenta, e fermoso de aspecto: as moças andarão por cima do muro. [23] Mas exasperará-no, e estimularão-no, e o invejárão os que tinham dardos. [24] O seu arco sosteve-se no forte; e as prizões dos seus braços, e das suas mãos foram

rotas pela mão do forte de Jacob: d'alli sahio elle para ser o pastor, a pedra d'Israel. [25] O Deos de teu pai será o teu Protector; e o Todopoderoso te abençoará com bençãos do alto ceo; com as bençãos do abysmo inferior; com as bençãos das tetas, e da madre. [26] As bençãos de teu pai excederão ás que elle recebeo de seus pais: e ellas durarão até que venha o DESEJO DOS OUTEIROS ETERNOS. Derramem-se estas bençãos sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça d'aquelle, que he como hum Nazareno entre seus irmãos.

Reflexões

Os patriarcas antigos tinham o louvável costume de chamar todos os seus filhos à hora de morrer e de dar a cada um sua bênção. Como falavam, na maior parte, inspirados por Deus, cada bênção era uma profecia do bem ou do mal que haviam de experimentar seus filhos, e às vezes nestas bênçãos se continham altíssimos mistérios, que figuravam em sombra as verdades que cumpriu depois Jesus Cristo. Na epístola que propõe hoje a Igreja, nossa mãe, contém-se a bênção que deu Jacó ao menor de seus filhos, José, e nela, além de ensinar-lhe as divinas qualidades que havia de ter o Messias prometido, do qual foi figura José, dá-lhe a entender onde havia de colocar sua confiança para achar um patrocínio seguro contra as adversidades desta vida. Por isso lhe diz: *O Deus de teu pai será teu ajudador, e o Onipotente te abençoará com bênçãos do alto do céu e com bênçãos do abismo.* Toda a confiança devem constituí-la os homens em Deus, se querem que seus desejos logrem o fim por que anelam; porque só Deus é o que sabe o que lhes convém e só ele tem poder para dispensar-lhes benefícios. Mas o mesmo Deus quis misericordiosamente alargar nossos corações e ampliar mais nossas esperanças, fazendo que os justos, seus amigos e amados seus, fossem também para nós poderosos intercessores, que lhe fizessem presentes nossas misérias e nos alcançassem o remédio delas. Os males nos rodeiam e afligem continuamente enquanto vivemos esta vida mortal e trabalhosa. Além disso, como não temos neste mundo coisa alguma que seja capaz de saciar um coração que foi feito para amar a Deus, vivemos despedaçados por nossos mesmos desejos, que, sempre que não se terminam no fim devido, causam em nossa alma uma inquietação miserável e a dissipam em trabalhosas e infelizes pretensões.

O homem por si mesmo não é capaz de dar-se paz em seus pensamentos; antes luta continuamente com um tropel de vaidades que lhe tiram o sossego, desejando honras, riquezas, postos, dignidades e subir ao menos um degrau sobre o lugar em que se acha. Conhece facilmente que no mundo não há um protetor ou medianeiro que ao mesmo tempo saiba discernir a conveniência de suas pretensões e tenha a vontade e o poder necessários para satisfazê-las; mas cega-se miseravelmente em não querer buscá-los no céu. Desejamos um patrocínio para prevenir nossas desditas e ruínas e alcançar benefícios e venturas; mas apelamos para isso aos homens, que ou não podem proteger-nos, sendo eles por si miseráveis e fracos, ou, caso nos favoreçam, costuma ser para nosso dano, fazendo-nos um mal quando ao parecer querem fazer-nos felizes. Está bem que se deseje com ânsia um favorecedor nas desventuras, um medianeiro nas pretensões, um protetor na fortuna e como que uma coluna e arrimo onde se possam colocar com segurança as esperanças; mas onde se achará este protetor?

Erra enormemente quem consente em encontrá-lo no mundo, e será sempre uma verdade eterna a bênção de Jacó a seu filho: *O Deus de teu pai será teu ajudador.* Em Deus enxugará suas lágrimas o aflito; temperará suas misérias o necessitado; encontrará o triste o riso e o gosto; o fraco, poder; o mal seguro, certeza; o desprezado, estima; o abatido, fortaleza; o pecador, misericórdia; o justo, graça; e todos, amparo seguro e ventura completa sem receios. Ó Deus, e quão errados foram meus passos quando os dirigi às criaturas para obter delas os bens que não podia encontrar senão em ti só! Ainda que esta luz e este convencimento tenham vindo tarde à minha alma, farei que de agora em diante se regulem por eles todos os meus desejos e que não se extravie meu coração.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 3 de São Lucas.

Lucas 3,21-23

> **Latim:** 21 Factum est autem cum baptizaretur omnis populus, et Jesu baptizato, et orante, apertum est cælum : 22 et descendit Spiritus Sanctus corporali specie sicut columba in ipsum : et vox de cælo facta est : Tu es filius meus dilectus, in te complacui mihi. 23 Et ipse Jesus erat incipiens quasi annorum triginta, ut putabatur, filius Joseph, qui fuit Heli, qui fuit Mathat,

Português: 21 E aconteceu, que como recebesse o baptismo todo o povo, depois de baptizado tambem Jesus, e estando em oração, abrio-se o ceo: 22 e desceo sobr'elle o Espirito Santo em fórma corporea, como huma pomba: e soou do ceo huma voz, que dizia: Tu és aquelle meu Filho especialmente amado, em ti he que tenho posto toda a minha complacencia. 23 E o mesmo Jesus começava a ser quasi de trinta annos, filho, como se julgava, de José, que o foi de Hell, que o foi de Mathat,

Meditação

Sobre a vaidade do favor humano

Primeiro ponto

Considera quanta é a debilidade dos homens para dar-te ajuda e favor em tuas necessidades, e por quantas baixezas tens de passar para conseguir obtê-lo. O homem, débil, fraco e miserável por sua natureza, não muda de constituição ainda que se sente num dourado trono; ainda que adorne seu

corpo com ouro, púrpura e pedras preciosas; ainda que o cerquem muitos criados pendentes de seus lábios para executar suas ordens ou seus caprichos; ainda que, finalmente, por sua vontade se regulem e distribuam as fortunas dos outros homens e se repartam as dignidades. Teu coração, tuas paixões, teus desejos, tua tristeza, teus remorsos, a inquietação de tua consciência, a pouca segurança da justiça de tua alma, não estão na mão de nenhum homem nem caem sob o poder de nenhuma jurisdição criada. Se estes afetos te fazem infeliz e miserável, em vão buscarás o favor humano, pensando que este pode fazer-te venturoso. O que não tem para si mal poderá dá-lo a seus favorecidos. No meio daqueles resplendores com que brilha a grandeza há umas densíssimas trevas em que estão envoltas as almas dos que a desfrutam; no meio daquela grande cópia de ouro e abundância de todas as coisas, apenas encontram uma que lhes cause um pequeno gosto e com que deem satisfação à sua alma. Esta mesma abundância lhes aumenta os desejos, e estes lhes multiplicam as necessidades, que por sua multidão são tão insaciáveis como uma só na baixa fortuna. Se te fosse possível ver claramente o coração de um poderoso, de quem talvez esperas favor, auxílio e consolo, ficarias penalizado vendo as feias paixões que o despedaçam, os cuidados que o carcomem, as néscias esperanças que o entretêm, os desejos que o atormentam, os desgostos que o martirizam e o cúmulo de miséria e de desventura em que vive submerso. Se dorme, é com um sono interrompido, que não podem tranquilizar a holanda e os brocados; se vela, uma multidão de negócios enfadonhos o ocupa e faz que descuide de si mesmo por atender aos interesses alheios; se se senta à mesa, a saúde débil e os humores doentios lhe fazem insípidas as mais requintadas iguarias; se vai, enfim, ao teatro, ao festim, ao passatempo, o próprio costume de desfrutá-lo o faz insosso, fastidioso, cansativo e até molesto. E é possível que hás de pôr neste homem tua esperança para que te dê consolo, para que te livre de misérias, para que te faça venturoso?

E isto a quanto custo? À custa de humilhações, de baixezas, de mil sofrimentos vergonhosos que, comparados com o bem que pretendes, são na realidade um mal muito maior do que o que estás padecendo. Umas vezes finges-te humilde, outras aparentas-te modesto; outras afetas uma afabilidade risonha, outras te vês obrigado a dissimular com o semblante alegre um secreto despeito que te está roendo o coração. Tens de frequentar os palácios, esperar por muito tempo nas antessalas, confundido com uma multidão de truões que, como te veem humilhado, se atrevem a tratar-te com a altivez de seus senhores. Que mais? Constituis-te na necessidade de trair tua alma, tuas ideias, para lisonjear aquele personagem de quem esperas a dignidade, o posto, ou talvez muito menos. Porque como é possível que tu te atrevas a chamar branco ao branco, nem a dizer bom ao bom, se ouves que ele o chama ou reputa por negro e por mau? Como ousarás manifestar a verdade, ainda que ta façam conhecer com evidência teus estudos, diante daquele que desejas ter benévolo e vês que se declara partidário da mentira? Mas ainda isso é pouco: esse homem, cujo favor pretendes, te despreza, e levas com paciência seus desprezos; esse homem te insulta, e, cheio de rubor, baixas os olhos, fazendo o sacrifício mais humilhante e vergonhoso que se pode fazer à ambição ou ao capricho; esse homem exige de ti uma gratidão antecipada, que não se dá por satisfeita com tantas baixezas, com tantos dissabores, com tantos sofrimentos quantos bastariam para fazer-te seu escravo. E um favor de tão pouca utilidade, um favor tão inútil e tão vão, hás de comprá-lo a tanto custo? Merece tanto preço, ainda quando dependesse dele toda a tua fortuna? Serás ainda tão néscio que, reconhecendo tudo isto, queiras seguir com essa pretensão caprichosa que já te custou tantos trabalhos e que será talvez a ruína de tua família?

Segundo ponto

Considera que, ainda quando o favor humano seja para ti tão eficaz e efetivo que, contra seu costume, verifique com os efeitos as esperanças que tens concebido, nada terás logrado com isso senão pôr-te um novo jugo. Ao mesmo tempo que o vires favorecido, te verás ligado com uns laços que se chamam gratidão, mas que na realidade são umas pesadas cadeias. O que te fez um favor olha-te como a um escravo de seus caprichos; e ou hás de segui-los cegamente ou hás de ter o desgosto de passar por ingrato. Mas suponhamos por um momento que tenhas valor para resistir a suas injustas pretensões; suponhamos que aquele que te favoreceu é tão comedido e ajustado que deixa em tua mão a responsabilidade do cargo que conseguiste: evitarás por isso os perigos que trazem consigo os postos e dignidades? Não é certo que nos lugares elevados caem os raios mais frequentemente e com mais violência? Não vês como os furacões arrancam os altos e robustos pinheiros que estão nos cumes das montanhas, quando nos vales se riem de sua bravura os humildes juncos? Traze à memória aquela árvore frondosíssima, de estranha grandeza e formosura, que viu em sonhos o rei de Babilônia e de que fala Daniel no capítulo 4: verás que sua mesma grandeza foi a causa de sua ruína. Isto ensina que os postos e altas dignidades não são outra coisa senão um cúmulo de perigos e um ímã que atrai para si as desgraças.

Mas considera isto mesmo com uma razão superior à filosofia humana; olha a superioridade, a dignidade, o cargo com os olhos sobrenaturais da fé: certamente estremecerás quando considerares que há de chegar um dia em que te peça conta estreita de tudo um juiz reto, infinitamente sábio, e diante do qual nada poderão nem a adulação, nem a mentira, nem o artifício, nem o suborno. Esta consideração fazia os Crisóstomos, os Ambrósios, os Agostinhos fugirem das dignidades com mais empenho do que o que muitos homens põem em consegui-las. Esta mesma consideração fez que São Bernardo escrevesse ao papa Eugênio, admirando-se de que tivesse aceitado a tiara [^3]: «Considero a altura do posto e temo a queda; olho o cume da dignidade em que estás e vejo a seu lado um profundo despenhadeiro que acaba no abismo.»

Lograste tua pretensão; o favor te exaltou: mas deu-te talento e forças para cumprir exatamente tuas obrigações? Eximiu-te da responsabilidade dos encargos? Não se pode dizer com verdade que pretendeste tua própria inquietação, tua opressão, teu perigo e tua ruína?

Jaculatórias

> *Sperent in te qui noverunt nomen tuum, quoniam non dereliquisti quærentes te, Domine.* Sl 9.

Os que tiveram a dita de conhecer teu sacrossanto nome devem, Senhor, pôr em ti toda a sua confiança, bem satisfeitos de que jamais desamparas aqueles que te buscam.

>

> *Deus meus adjutor meus, et sperabo in eum.* Sl 17.

Meu Deus é meu ajudador, meu protetor e meu patrono, e nele só esperarei.

Propósitos

1. Todas as coisas deste mundo, diz o Espírito Santo, são vaidade de vaidades; mas, entre todas elas, apenas há uma a que com mais razão convenha este dito do que ao favor que com tanta ânsia se solicita dos homens. Quando me vir oprimido, quando as tribulações afogarem meu coração, servir-me-ão estas reflexões e conhecimentos para buscar alívio onde possa seguramente encontrá-lo. A razão e a experiência me têm ensinado que, fora de Deus e de seus santos, não se encontra consolo verdadeiro; que as pretensões humanas, além dos trabalhos, dissabores e baixezas que trazem consigo, não produzem mais frutos do que novas fadigas, novos cuidados e a tremenda responsabilidade diante do Juiz de vivos e mortos. Já é tempo de conhecer o mundo e de detestar seus enganos; já é tempo de entrar em juízo e de dizer a meu coração: Deus só é teu tesouro e tua riqueza. A maior dignidade é contentar-te com aquela sorte em que te pôs sua adorável providência. Bastante tempo perdeste correndo néscio atrás de uma sombra que sempre foge de ti.

Favor especial do céu foi que tenhas conhecido tua loucura antes que ta fizesse conhecer um precipício. Se tivesses logrado o que pretendias, talvez te sucedesse o que à simples mariposa que, deslumbrada com os resplendores da chama, ela mesma faz diligências para converter-se em cinzas. De hoje em diante, Deus é meu ajudador, meu protetor e patrono, e nele só esperarei.

São Hugo, Bispo de Grenoble

Nasceu São Hugo em Castelnovo, às margens do Isère, diocese de Valença, no Delfinado, no ano de 1053. Foi de uma família muito distinguida por sua antiga nobreza, mas muito mais por sua singular piedade. Seu pai, Odilão, era um cavaleiro universalmente reputado por homem de grande virtude, o qual, depois de haver dado grandes provas de valor a serviço de seu rei, foi acabar seus dias na Cartuxa, fazendo-se discípulo de São Bruno, e ali morreu, de idade muito avançada, nas mãos de Hugo, seu santo filho, que lhe administrou os sacramentos. O mesmo consolo deu, e os mesmos piedosos ofícios fez, com sua santa mãe, mulher de extraordinária virtude, que ficou no século cuidando de sua casa e atendendo unicamente ao cristão governo de sua família.

Custou-lhe pouco trabalho a educação de nosso santo. Havia nascido Hugo com tão felizes disposições para a virtude que sem exagero se pode dizer que sempre foi virtuoso e que nunca foi menino. A grande inclinação que tinha às letras o moveu a fazer algumas viagens a reinos estranhos. Mas os estudos não prejudicaram sua devoção; seu pudor e sua modéstia contribuíram

muito para conservar sua inocência; e, ainda que sua virtude fosse aprazível, doce e discretamente cortesã, alimentava-a e nutria-a com o rigor de secretas mas muito severas penitências.

Terminados seus estudos, voltou a Valença, onde foi provido num canonicato. Sua vida inocente, exemplar e retirada lhe granjeou tanta reputação que Hugo, então bispo de Die, legado do papa Gregório VII e depois arcebispo de Lião, cativado pelas belas prendas e pela eminente virtude do jovem cônego, quis tê-lo consigo e dar-lhe parte no ministério de sua legacia. Fez grande fruto com seus sermões no clero, mas o fez muito maior com seus exemplos no povo.

Celebrava o legado um concílio em Avinhão quando chegaram os deputados da Igreja de Grenoble, cuja sé episcopal havia vagado, a pedir-lhe por bispo a nosso santo. Concedeu-lho o legado com tanto maior gosto quanto ninguém melhor que ele tinha conhecida e experimentada sua virtude e talentos; mas não foi tão fácil vencer sua repugnância, que sua profunda humildade lhe fazia olhar como justa e bem fundada. Viu-se o legado obrigado a valer-se de toda a sua autoridade para obrigá-lo a obedecer; e, temendo sempre que achasse algum pretexto para eludir sua consagração, levou-o consigo a Roma para que o próprio papa o consagrasse. Fê-lo Sua Santidade sem atender a suas razões e escusas. Informada a condessa Matilde da grande virtude de nosso santo, custeou liberalmente todos os gastos necessários para tão augusta cerimônia, presenteando-lhe o báculo e outros vários ornamentos pontificais, com os comentários de Santo Agostinho sobre os salmos.

Quando voltou de Roma e foi tomar posse de sua Igreja, ficou penetrado de dor ao ver o lastimoso estado em que achou toda a sua diocese. Não somente reinavam no povo a usura, a simonia e toda espécie de dissoluções, mas a abominação da dissolução se havia apoderado do lugar santo. A vida escandalosa dos que, pela santidade de seu estado, deveriam servir de exemplo aos demais parecia fechar a porta a toda esperança de remédio. Gemeu o santo pastor na presença de seu Deus e procurou aplacar sua justa cólera com rigorosas penitências. Passava os dias e as noites em fervorosa oração, chorando as desordens de seu povo; e, não poupando jejuns, vigílias, exortações, instruções, visitas pela salvação de seu rebanho, desejaria poder dar sua vida por ele.

Não podia tardar em dar o fruto correspondente um zelo tão puro, tão apostólico e tão desinteressado; deitou Deus a bênção a seus trabalhos. Ganhou os corações de todos com sua afabilidade e seus exemplos, e em pouco tempo mudou de semblante toda a diocese de Grenoble. Não se pode explicar o muito que teve de padecer; passava os dias inteiros em instruir e alimentar com a palavra de Deus aquele povo grosseiro e ignorante; e, tendo encontrado dissipadas as rendas do bispado pela má administração de seus antecessores, esteve três ou quatro anos sem ter com que manter-se.

Estas cruzes e penalidades era o único que o consolava no contínuo escrúpulo que o afligia de haver consentido, a seu parecer com demasiada facilidade, em sua consagração e de haver-se deixado persuadir a aceitar o bispado. Contudo, apertou-o tanto este escrúpulo, representando-lhe sempre sumamente formidável a dignidade episcopal, que, a exemplo de muitos santos, determinou renunciá-la. Apenas havia sido bispo dois anos quando, tomada sua resolução, partiu secretamente para a abadia da Casa de Deus, diocese de Clermont, na província de Auvérnia; vestiu a cogula de São Bento e em breve tempo foi modelo cabal da vida monástica. Mas,

informado o papa Gregório VII do que se passava, enviou-lhe preceito formal e preciso para que quanto antes se restituísse a sua Igreja. Viu-se obrigado a obedecer, a despeito de sua repugnância. Sua precipitada fuga havia consternado suas ovelhas; a notícia de sua volta encheu-as de gozo; e, persuadidos todos de que o meio único de assegurar-se a permanência de tão santo pastor era a reforma geral dos costumes, empenharam-se a competência em corresponder às ânsias de seu zelo.

Quase três anos depois de haver-se restituído a seu bispado, veio em busca dele o famoso São Bruno com seus seis companheiros, para lançar os primeiros alicerces daquela ordem celebérrima que, sendo um dos mais belos ornamentos da Igreja de Jesus Cristo, se estendeu por todo o universo com edificação e até com assombro do mundo, florescendo depois de mais de seiscentos anos com todo o primitivo vigor que se admirou em seu berço e perpetuando no orbe cristão o fervor, a solidão e o retiro dos antigos anacoretas.

Poucos dias antes havia tido Hugo um misterioso sonho, no qual se lhe representaram sete resplandecentes estrelas que, desprendidas do céu, iam como esconder-se num espantoso deserto de sua mesma diocese, chamado a Cartuxa. Lembrando-se do sonho, recebeu Bruno e seus companheiros com amor e com respeito; e, entendendo deles que só buscavam uma solidão retirada e escondida que lhes pudesse servir de asilo contra a corrupção do mundo, desde logo lhes assinalou e doou o deserto da Cartuxa, a cinco léguas de Grenoble. Edificou-lhes à sua custa a capela e as celas para sua habitação; e, declarando-se desde então seu protetor e seu pai, pouco tempo depois passou a ser como o menor dos irmãos.

Contentíssimo de ter já dentro de seu bispado o que havia ido buscar no deserto da Casa de Deus, retirava-se à Cartuxa todo o tempo que lhe deixavam livre as indispensáveis funções de seu ministério episcopal. Vivendo entre os novos anjos do deserto, restituía-lhes com usura os exemplos de mortificação e de humildade que deles recebia: só o distinguiam dos demais os excessos de seu fervor; lançava mão dos ofícios mais vis e mais baixos; era o primeiro no coro e acompanhava as penitências com oração quase contínua.

Em Grenoble vivia como na Cartuxa. Era perpétuo seu jejum; quase todos os dias pregava a seu povo; não o conheciam por outro nome senão o de pai dos pobres; quis vender seus cavalos para socorrê-los, resolvido a visitar a pé seu bispado, ainda que cheio de asperíssimas montanhas. Velava com extremada severidade sobre todos os seus sentidos. Em mais de cinquenta anos de bispado nunca olhou ao rosto mulher alguma.

A tão extraordinária virtude não podiam faltar suas cruzes: teve-as nosso santo muito pesadas por toda a vida. Não somente provou Deus sua paciência com frequentes dores de estômago e de cabeça, efeitos naturais de suas penitências e de sua aplicação ao estudo, mas, para purificar mais e mais seu coração, permitiu que por mais de quarenta anos fosse combatido de molestíssimas tentações, que apenas lhe davam trégua. É verdade que não o deixava o Senhor sem consolo no meio de tantas amarguras; derramava em sua alma aquelas doçuras celestiais, aquela secreta unção, aquelas graças sensíveis, por cujo meio experimentava frequentemente temperadas suas aflições por certa alegria interior, mais fácil de sentir-se que de explicar-se. Recebeu o dom de lágrimas; uma conversação piedosa, a leitura de um livro devoto, a vista de um crucifixo bastavam

para fazê-las derramar em abundância. Lia-se indispensavelmente em sua mesa um livro espiritual enquanto comia, e se observou que durante a leitura se derretia tanto seu coração no fogo do amor divino que apenas tinha liberdade para outra coisa que não fosse derramar doces e copiosas lágrimas; de maneira que não poucas vezes era preciso mandar ao leitor que o deixasse.

Sua justificação e seu desinteresse, juntos ao elevado conceito que se tinha de sua eminente santidade, o fizeram árbitro de todas as diferenças e pacificador de todas as inimizades. Nem a grande afabilidade de seu gênio estava reunida com a firmeza, quando se atravessavam os interesses de Deus e da Igreja. Mostrou singularmente esta tenacidade no concílio que se celebrou em Viena do Delfinado, no ano de 1112, contra os excessos do imperador Henrique IV, que havia tratado indignamente o papa Pascoal II, e contra a ambição do antipapa Pedro de Lião, chamado Anacleto, em defesa do legítimo pontífice Inocêncio II. Foi Hugo um dos bispos que se juntaram em Puy de Velay para excomungar Pedro de Lião, e o que mais contribuiu para extinguir o cisma no reino da França, sacrificando à verdade e à justiça seus próprios interesses e a amizade que sempre lhe havia mostrado o antipapa Anacleto.

Obrigado Inocêncio a refugiar-se na França pela perseguição deste cismático, saiu Hugo a recebê-lo e a beijar-lhe o pé em Valença. Ali lhe suplicou com as maiores instâncias que tivesse por bem exonerá-lo do bispado e prover a Igreja de Grenoble de sujeito digno que emendasse seus muitos erros, representando-lhe sua avançada idade e molestíssimos achaques. Tudo foi em vão; porque o papa, que tinha bem conhecido seu raro mérito e extraordinária virtude, contentou-se com mandar-lhe que moderasse suas penitências e pusesse limite ao excessivo trabalho de suas apostólicas fadigas. Mas, finalmente, vendo que as veementes dores de cabeça haviam debilitado extraordinariamente sua memória, perto do fim de sua vida condescendeu o pontífice em dar-lhe um sucessor, e teve o gozo de ver consagrar em vida sua um cartuxo chamado também Hugo, que depois foi arcebispo de Viena.

Teve-se por uma espécie de prodígio, ou ao menos por singular favor do céu, que, havendo perdido inteiramente a memória para todas as coisas terrenas, a conservou sempre muito viva em todas as espécies que tocavam à Religião ou tinham referência à salvação eterna. Os poucos meses que sobreviveu à renúncia do bispado passou-os quase em oração contínua.

Odorico, bispo de Die, que havia sido deão de sua Igreja de Grenoble, desejou ter o consolo de receber o hábito de monge das mãos de nosso santo; e, ainda que este se achava quase no último extremo de sua vida, levantou-se da cama para fazer esta cerimônia, dando-lhe forças e causando-lhe copiosas lágrimas o gozo de ver a fervorosa resolução de seu amado discípulo.

Enfim, consumido nosso santo ao rigor de suas penitências, de seus trabalhos apostólicos e de suas penosas enfermidades, e cheio de merecimentos, morreu em Grenoble aos oitenta anos e alguns meses de idade, no dia primeiro de abril do ano de 1132. Logo que se espalhou a notícia de sua morte, concorreu inumerável gentio de todas as partes a lograr o consolo de reverenciar e beijar seu santo corpo. Não foi possível enterrá-lo em cinco dias, pelo numerosíssimo concurso; e todo este tempo se conservou o cadáver tão inteiro, tão fresco e tão flexível como se estivesse vivo. Foi preciso valer-se de algum artifício para dar-lhe sepultura, e espalhou-se a voz de que se queria expô-lo na igreja para satisfazer à devoção do povo; saíram todos, menos o clero, os

cartuxos e algumas outras pessoas de distinção, a quem se havia confiado o segredo, e desta maneira pôde-se enterrá-lo na igreja de Santa Maria, onde o Senhor manifestou a santidade de seu fiel servo pelos muitos milagres que obrou em seu sepulcro. O papa Inocêncio II, que tinha tão bem conhecida a virtude de nosso santo, mandou ao beato Guido, quinto prior da grande Cartuxa e amigo íntimo do santo bispo, que recolhesse exatamente num breve compêndio a relação de suas virtudes e milagres; e, tendo-a lido e aprovado, canonizou-o solenemente no ano de 1134, estando na cidade de Pisa, onde celebrava um concílio. Seu sepulcro se fez cada dia mais glorioso pela visível proteção que experimentaram os fiéis implorando sua poderosa intercessão.

São Venâncio, Bispo e Mártir

Neste dia faz memória o Martirológio Romano de São Venâncio, bispo e mártir, sem nos especificar sua cátedra nem o lugar do martírio. Alguns críticos, satisfeitos com dizer-nos que suas relíquias foram trasladadas da Dalmácia à igreja de seu nome em Roma por João IV, sumo pontífice, negam que tenha florescido na Espanha este insigne herói; mas vários escritores nacionais, ainda que omitem sua pátria e os feitos de seus primeiros anos, sem dúvida por falta de monumentos justificativos, sustentam que Venâncio, retirado dos perigos do mundo com o único objeto de atender ao importante negócio de sua salvação, vestiu o hábito beneditino no mosteiro de São Cosme e Damião, contíguo à cidade de Toledo, chamado antigamente Agaliense, onde, acreditando seu fervor, religiosidade e virtude, exerceu por algum tempo o cargo de abade. Tendo ascendido depois à cátedra episcopal daquela capital, portou-se em tão sublime ministério com todas as virtudes que exige o Apóstolo nos prelados perfeitos, sobretudo com uma caridade sem limites; pois, tendo ocorrido em seu tempo anos muito estéreis na Espanha, socorreu com mão liberal não só os necessitados de sua vasta diocese, mas os de outras províncias. Enfim, obrigado por urgentes negócios, passou à Panônia, e nesta expedição logrou a coroa do martírio em defesa da religião de Jesus Cristo, pelos anos 603, segundo o cômputo mais acertado. De ter sido célebre sua memória na antiguidade dão testemunho os dípticos da santa Igreja de Toledo e o ofício e missa em seu culto, que se manifesta num breviário romano impresso em Lião em 1556.

Martirológio Romano

Em Roma, Santa Teodora, irmã do ilustre mártir São Hermes, a qual, tendo padecido martírio no tempo do imperador Adriano e do juiz Aureliano, foi sepultada junto a seu irmão, na via Salária, não longe da cidade.

No mesmo dia, São Venâncio, bispo e mártir.

No Egito, os santos mártires Vítor e Estêvão.

Na Armênia, os santos Quintino e Ireneu, mártires.

Em Constantinopla, São Macário, confessor, que no tempo do imperador Leão acabou sua vida no desterro em defesa das santas imagens.

Em Grenoble, São Hugo, bispo, que passou na solidão muitos anos de sua vida e, havendo-se feito célebre pela glória de seus milagres, foi gozar da presença de Deus.

Na diocese de Amiens, São Valérico, abade, cujo sepulcro é ilustrado com frequentes milagres.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor pontífice, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Hugonis confessoris tui atque pontificis solemnitate deferimus; et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi benignamente, Senhor, as súplicas que vos dirigimos na festividade do bem-aventurado Hugo, vosso confessor e pontífice, e perdoai-nos nossos pecados pelos merecimentos daquele que mereceu servir-vos dignamente. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo aos Hebreus, capítulo 5.

Hebreus 5,1-4

> **Latim:** [1] Omnis namque pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, et sacrificia pro peccatis : [2] qui condolere possit iis qui ignorant et errant : quoniam et ipse circumdatus est infirmitate : [3] et propterea debet, quemadmodum pro populo, ita etiam et pro semetipso offerre pro peccatis. [4] Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tamquam Aaron.

Português: [1] PORQUE todo o pontífice assumpto d'entre os homens, he constituído a favor dos homens naquellas cousas, que tocão a Deos, para que offereça dons, e sacrificios pelos pecados: [2]

o qual se possa condoer d'aquelles, que ignorão, e errão: por quanto elle tambem está cercado de enfermidade. [3] E por esta causa deve, tanto pelo povo, como tambem até por si mesmo, offerecer sacrificio pelos peccados. [4] E nenhum usurpa para si esta honra, senão o que he chamado por Deos, como Arão.

Nota

«Os hebreus, a quem se dirigiu esta epístola, eram os judeus recém-convertidos que viviam em Jerusalém e em toda a Palestina. Escreveu-a o Apóstolo em grego e não em hebraico, por ser então a língua grega a mais geral e conhecida em todas as nações, quando a hebraica e a siríaca eram ignoradas por muitos dos próprios judeus, que se haviam criado em diferentes províncias.»

Reflexões

Todo pontífice escolhido dentre os homens é destinado por Deus para os homens nas coisas que tocam ao mesmo Deus: *Omnis pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quæ sunt ad Deum.* Só a Deus toca a eleição de seus ministros. Infeliz daquele que se intromete no ministério dos altares sem legítima vocação. A ambição, o interesse e a cobiça enchem o sacerdócio de intrusos, que profanam a santidade de seu caráter. Ao pai de família pertence privativamente a distribuição dos empregos de sua casa; é próprio de sua inspeção e de sua autoridade destinar os primeiros ofícios a quem quer; pretender ocupá-los com artifício e com manha é encher tudo de confusão. Bom Deus! Quantos falsos profetas ficarão degradados no dia do juízo universal? Quanto mais sagrada é a dignidade, quanto mais elevado é o emprego, tanto mais eminente deve ser a virtude. É um sacrilégio aplicar a mão ao incensário quando não é o Senhor quem nos destina a esta função. Ninguém tem direito de pretender esta honra senão aquele a quem Deus chama a ela, como Arão: *Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tanquam Aaron.* E pergunto: pretende-se sempre o sacerdócio em força de uma vocação legítima? Aspira-se a este sacrossanto estado, formidável aos próprios anjos, consultando unicamente a vontade do Senhor? Quantos homens terrestres e materiais não consultam senão a carne e o sangue! Quantas vezes a voz dos pais e dos parentes levanta mais o grito que a voz de Deus! Se os filhos não têm vocação, que importa? Os pais a têm por eles. Se não têm talentos, que importa? As rendas de um benefício pingue suprem tudo. E depois nos admiraremos de que Deus se mostre tão irritado, de que faça tão visíveis os efeitos de sua cólera? Estranharemos que destrua os mais ricos patrimônios, que aniquile as casas mais opulentas? Ao verdadeiro sacerdote, diz São Clemente de Alexandria, livro 6, não se o tem por santo porque seja sacerdote; antes se o fez sacerdote porque se o teve por santo. Importante lição para aqueles que atendem mais às rendas que à elevada santidade do ministério.

Escolheu Deus por ministros seus homens fracos e sujeitos a todas as nossas debilidades, para que saibam compadecer-se dos extraviados e dos ignorantes: *Qui condolere possit iis qui ignorant et*

errant: quoniam et ipse circumdatus est infirmitate. Lastimoso erro, fazer ostentação de uma severidade desdenhosa e arrogante! Uma das principais máximas da seita farisaica era a inexorável e afetada severidade com os pecadores. Murmuravam de Cristo aqueles hipócritas por causa da suavidade e indulgência com que tratava estes; censuravam as piedosas indústrias de que se valia o Salvador para ganhá-los e convertê-los; chocava-os, dava-lhes no rosto sua divina complacência, e faziam-lhe causa disso. É certo que uma brandura excessiva, uma suavidade fora de propósito, uma indulgência tímida e covarde pode ser tão perniciosa como um rigor descompassado. Para curar as chagas é mister misturar o azeite com o vinho. Contudo, os santos que foram mais rigorosos consigo mesmos foram de ordinário os mais brandos e benignos para com os demais. Mas, ao contrário, poucos doutores se encontram hoje demasiadamente rigorosos com os demais que não sejam nimiamente indulgentes consigo mesmos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor

d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Da liberalidade com que Deus premia os que o servem

Primeiro ponto

Considera as maravilhas que obrou Deus em favor do povo de Israel: dividem-se as águas do mar Vermelho; são submersos em suas ondas povos inteiros; temperam-se milagrosamente os ardores do sol; iluminam-se as trevas da noite; brotam repentinamente fontes cristalinas das rochas e penhascos; baixa diariamente do céu uma comida deliciosa; caem por terra, ao som das trombetas, os muros das cidades: todas estas maravilhas não eram mais que figuras do paternal cuidado que Deus tem de seus escolhidos, da liberalidade com que premia os que fielmente o servem.

Que bens recebemos durante nossa vida que não tenham sido dons de sua liberalíssima mão? Que graças não esperamos da mesma fonte? E se Deus é tão liberal com todos os homens; se derrama os tesouros de sua misericórdia indiferentemente sobre justos e pecadores, compreendamos, se é possível, que bondade será a sua para com seus queridos servos, que liberalidade gastará com aqueles que o servem com fidelidade e o amam com ternura.

Quia super pauca fuisti fidelis: porque foste fiel no pouco. Na verdade, que coisa podemos fazer a serviço de Deus que se possa chamar grande? Tudo quanto nasce de nós cheira e sabe a nosso nada.

Que serviço de importância lhe podemos fazer? *Et dignum ducis super hujuscemodi aperire oculos tuos?* E vós, Senhor, dignais-vos de voltar vossos olhos para este pouco que se faz por vós? Que digo, voltar vossos olhos? Dignais-vos de estimá-lo, de louvá-lo, de premiá-lo com profusão. Vós mesmo tornais meritório o que fazemos, e a este mérito assinalais um prêmio sem medida. Ó Deus, e que coisa tão boa é servir-vos! Ó Senhor, e que bom amo sois!

Euge, serve bone et fidelis: eia, que isso vai bem, fiel e bom servo meu. Com que bondade anima o Senhor seus mais humildes servos! *Supra multa te constituam:* por essa tua fidelidade em coisas pequenas, eu te elevarei às maiores honras. Que promessa de tanto consolo! Premia Deus seus

próprios dons; mas com que liberalidade os premia! Que solidez, que doçura, que deliciosos gostos não acompanham este prêmio! E depois disto, serão necessários grandes raciocínios para convencer-nos de que devemos servir a tão bom amo? Onde está nossa fé? Onde está nossa razão?

Segundo ponto

Considera não só com que bondade, mas com que pressa, digamo-lo assim, premia Deus antecipadamente o que se faz por ele. A paz da consciência, mais requintada e mais deliciosa que tudo quanto encanta os sentidos; o consolo interior, com o qual não têm comparação todos os profanos gostos do mundo, são a renda fixa das almas virtuosas. Gozam certa alegria pura, acham não sei que sólida glória até nos próprios desprezos e abatimentos. Todas as coisas servem a quem serve a Deus com perseverança.

Sem falar daquelas bênçãos temporais, daquelas visíveis prosperidades que reinam muitas vezes na casa do justo, ponhamos os olhos naquele salário que se reserva para a vida eterna; naquela preciosa coroa, naquela superabundância de bens, naquela imensidade de prêmios eternos.

Por um copo de água, uma bem-aventurança sem fim! Por quatro lágrimas derramadas pelas misérias alheias, o gozo eterno do Senhor! Por uma caritativa visita feita a um enfermo, a um encarcerado, o próprio Deus por recompensa!

Lança aquela pobre viúva no gazofilácio do templo duas moedinhas de curtíssimo valor, e Jesus Cristo as estima mais que os mais preciosos dons. Vinde, benditos de meu Pai, diz o Salvador, a possuir o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo: vosso é, vós o merecestes e, por assim dizer, o conquistastes e comprastes; mas como, e com quê? Com uma curta violência que fizestes a vossos sentidos; com uma ligeira vitória que conseguistes de vossas paixões; com haver cerceado cem coisinhas inúteis ou supérfluas; com haver-vos retirado por alguns poucos dias; com uma leve mortificação, com uma esmola. O reino dos céus, que só Jesus Cristo nos pôde merecer, aquela eterna felicidade, aquele preço do valor infinito de seu sangue, aquela glória que não tem fim, que não se pode alienar, essa se nos dá por nada. *Absque argento, et absque ulla commutatione* [^4]. E na verdade, que proporção há entre o salário e o serviço, entre o trabalho e o prêmio?

E à vista disto, nos será custoso servir-vos, Deus meu? E se vos servirá com frouxidão e com desgosto? E haverá quem se retraia de servir-vos?

Acrescenta um São Hugo aos trabalhos, cuidados e fadigas do bispado os rigores da penitência; retira-se a descansar de seus trabalhos na solidão de um espantoso deserto: e pergunto: terá agora motivo no céu para arrepender-se de haver sacrificado tão generosamente as conveniências transitórias da vida?

Quando, Senhor, deixarei de ser inimigo de meu sossego e de minha fortuna? Quando hei de começar a conhecer a grande dita que é servir-vos? Quando me hei de deixar mover de vossa

liberalidade e do mérito de vossas recompensas? Desde este momento, meu Deus, sim, desde este momento, não me alucinarão já nem o demônio com suas ilusões, nem o mundo com seus falsos brilhos. Conheço já quão ditoso é o que se emprega a serviço de tal amo, e que o salário que dais aos que vos servem é sem medida. Está feito: quero servir-vos sem reserva e sem negar-me a coisa alguma de quantas me possais pedir.

Jaculatórias

> *Quam magna multitudo dulcedinis tuæ, Domine, quam abscondisti timentibus te!* Sl 30.

Que gosto, Senhor, que doces consolos tendes reservados para os que vos servem e vos temem!

> *Justi in perpetuum vivent, et apud Dominum est merces eorum.* Sb 5.

Os justos viverão eternamente, e o Senhor lhes tem guardados grandes prêmios.

Propósitos

1. É coisa bem estranha que, sendo Deus tão bom e tão liberal com os que o servem, se achem tão poucos que o sirvam com alegria e com perseverança, ao mesmo tempo que, sendo o mundo universalmente tido por um amo duro, cruel, inexorável, haja tantos que se atropelem por servi-lo como escravos. Por mais que os trate como tirano, por mais que os obrigue a contínuos e dolorosos sacrifícios, por mais que só os pague em lágrimas e em pesadumes, por mais que não lhes prometa outro salário que amargos arrependimentos, nenhum há que não o sirva com cara risonha, que não se tenha por ditoso de sua sorte, que não faça vaidade de sua libré. Que o mundo seja injusto e cruel, que nada se ganhe em servi-lo, ninguém o ignora, todos convêm nisso; mas, com tudo isso, cada dia aumenta o número de seus escravos. Ao contrário, Deus enche de gostos e de bens seus fiéis servos; é levíssimo seu jugo, é dulcíssima sua carga; premia até os meros desejos, ainda que não cheguem a execuções; paga largamente a vontade de fazer o bem; nada lhe escapa, nada deixa sem prêmio; e, no entanto, sempre está Deus mal servido; tem-se por injúria o título de devoto, isto é, de servo de Deus, e muitos se envergonham, se coram de estar a seu serviço. Pode haver mais espantosa contradição entre nossa fé e nossa conduta? Faze que cesse em ti desde hoje esta contradição; serve a Deus, declara-te altamente por servo seu e envergonha-te só de servi-lo com frouxidão e com tibieza. Nada negues a teu Deus; bem conheces o que há tanto tempo te está pedindo e o que tu há tanto tempo lhe estás negando. Esse pequeno

sacrifício, essa curta vitória, esse ato de generosidade cristã, a moderação nessa vaidade, nesse jogo, nessas chacotas, apenas te teriam custado coisa alguma se o mundo te houvesse exigido tudo isso como condição para entrar em seu serviço. Muitos anos há que Deus te pede isso, e ainda deliberas? Ainda duvidas? Ainda não tens valor para concedê-lo? E até agora tudo lhe tens negado? Eia, põe já fim, desde este mesmo dia, a essas eternas dilações; e, pois Deus é tão pronto quanto liberal no prêmio, determina desde este mesmo ponto o que hás de fazer por Deus de agora em diante e o que hás de começar a fazer desde este próprio dia: essas pazes, essa restituição, o sacrifício dessa paixãozinha, a fuga dessa ocasião, a reforma de tanta vaidade, esse ato de mortificação. Não te esqueças daquelas formosas palavras do Sábio: *Desideria occidunt pigrum* [^5]. Os desejos matam os preguiçosos, porque tudo se lhes vai em projetar sem fazer nada. Passam-se-lhes os dias em estéreis desejos, enquanto os justos cumprem o que eles idealizam e trabalham sem cessar: *Qui autem justus est, tribuet et non cessabit.*

2. Uma boa resolução diminui, mas não tira o trabalho. Sobressalta-se o amor-próprio, assustam-se os sentidos logo que o coração se resolve a vencer-se. Não te deixes espantar dessas imaginárias dificuldades e, em te sentindo com alguma covardia, anima-te a ti mesmo com aquelas palavras do apóstolo São Paulo aos Romanos: *Non sunt condignæ passiones hujus temporis ad futuram gloriam quæ revelabitur in nobis.* Que proporção há entre o pouco que se padece e o muito que se espera? *Quod in præsenti est momentaneum et leve tribulationis nostræ, supra modum in sublimitate æternum gloriæ pondus operatur in nobis:* estas ligeiras e momentâneas tribulações que sofremos agora produzem em nós um peso eterno de glória, em grau tão excelente que é superior a toda medida. Lembra-te, enfim, de que o próprio Deus quer ser o prêmio do que fazemos por ele: *Ego ero merces tua.* Parece-te que não ficaremos bem pagos a este preço? Faze continuamente estas reflexões; não há razão que possa resistir-lhes, e nada te pode custar o familiarizar-te com elas.

[^1]: Concílio de Trento, sessão 23. [^2]: Neste e em outros pontos do texto, o original traz chamadas de nota numeradas «(1)» e «(2)» (aqui, por exemplo, depois de «Provérbios» e de «Eclesiástico»; mais adiante, depois de «São Lucas» e de «Santo Agostinho») cujo texto não aparece na digitalização; as chamadas foram omitidas. [^3]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. [^4]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A citação é de Isaías 55,1. [^5]: Pr 21.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:39 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:39 by Admin